

# DA REVOLUÇÃO BEHAVIORISTA AO CONTRIBUTO DE DAVID EASTON: BREVE ENSAIO EPISTÊMICO- BIOGRÁFICO

**Adriano Othon**

*Membro Associado do Observatório Político<sup>1</sup>*

## Resumo

O ensaio examina o surgimento da corrente behaviorista da ciência política – na segunda metade do século XX – e seus principais atributos, com foco na vida e na obra do canadense David Easton. O trabalho possui caráter predominantemente teórico-descritivo, no qual se adota uma abordagem qualitativa baseada em pesquisa bibliográfica, com ênfase na obra do próprio Easton, mas também apoiada em livros e artigos científicos de outros autores, além de verbetes de enciclopédias especializadas. A relevância do ensaio é sobretudo de natureza científica, propiciando uma visão contextualizada da obra de um politólogo que desenvolveu teorias, métodos e conceitos que ainda hoje são problematizados e atualizados por outros cientistas políticos. Constata-se, entre outros aspectos, a elaboração de novas teorias e metodologias derivadas do conceito de apoio político de Easton – apoios difuso e específico –, cujo estudo se pretende aprofundar em investigações futuras.

## Palavras-chave

Behaviorismo, David Easton, biografia, sistema político, apoio difuso, apoio específico

---

## Introdução

O ensaio examina o surgimento e as principais características do behaviorismo, com foco na vida e na obra de um dos seus representantes mais destacados, David Easton. A primeira seção do trabalho dedica-se a uma abordagem mais

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciência Política no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa (ISCSP-ULisboa). Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (Natal, Rio Grande do Norte, Brasil). Analista Judiciário no Tribunal Regional do Trabalho da 21ª Região (Estado do Rio Grande do Norte, Brasil). [ORCID iD](#)

genérica da referida corrente da ciência política. Na segunda parte, foca-se num relato biográfico-acadêmico de Easton, a fim de compreender o pano de fundo histórico e as motivações de sua obra. Na terceira e última seção, são escolhidas três nuances do seu contributo para uma análise mais minuciosa: i) o conceito de política; ii) a teoria do sistema político; e iii) o apoio político e suas dimensões (difusa e específica).

A relevância do trabalho é de natureza principalmente científica, ensejando uma visão contextualizada da obra de um dos politólogos mais influentes da segunda metade do século XX, tendo ele desenvolvido teorias, métodos e conceitos que ainda hoje são problematizados e atualizados por outros cientistas políticos. A escolha do tema, ademais, justifica-se pelo interesse deste autor no estudo do contributo *eastoniano* para fins de enquadramento teórico de futura dissertação de mestrado, particularmente em relação ao conceito de apoio político.

Em termos metodológicos, trata-se de ensaio de caráter predominantemente teórico-descritivo, no qual se adota uma abordagem qualitativa baseada em pesquisa bibliográfica, com ênfase na obra do próprio Easton, mas também apoiada em livros e artigos científicos de outros autores, além de verbetes específicos de enciclopédias, sobretudo as de ciências sociais.

## **1. Behaviorismo: gênese, terminologia e principais atributos**

O behaviorismo (*behavioralism*) é uma das muitas correntes da ciência política, caracterizando-se, entre outros aspectos, pela busca de maior coerência e rigor científico no estudo da vida política. Dominante nos Estados Unidos nas décadas de 1950 a 1970, foi integrada por politólogos como Harold Lasswell, V. O. Key Jr., David Truman, Herbert Simon, Gabriel Almond, David Easton, Quincy Wright, Morton Kaplan, Karl Deutsch, Sidney Verba, Robert Dahl e Heinz Eulau (Hamati-Ataya, 2019, p. 5).

A alteração de paradigma da ciência política que daria origem à chamada “revolução behaviorista”, contudo, remonta aos anos 1920, no seio do movimento positivista norte-americano. Tal corrente de pensamento, em primeiro lugar, propunha uma redefinição do conceito de ciência, de modo a aplicar à ciência política as mesmas bases metodológicas que haviam sido empregadas com sucesso às ciências naturais e à psicologia – a principal

ciência comportamental de então – durante a Primeira Guerra Mundial. Ademais, os positivistas argumentavam que metodologicamente toda pesquisa científica é semelhante, distinguindo-se apenas os problemas a serem solucionados por cada ciência específica (Barrow, 2008, p. 312).

O maior expoente deste movimento é Charles E. Merriam (1876-1953), professor da Universidade de Chicago, que apresentou duas propostas para a renovação do estudo da política: “por um lado, a exploração das bases psicológicas e sociológicas do comportamento político; por outro, a introdução dos métodos quantitativos na análise política” (Maltez, 2018, p. 156). Merriam, considerado o fundador da ciência política comportamental, foi professor de Harold Lasswell e V. O. Key Jr., que viriam a desempenhar importante papel na transição para a revolução behaviorista dos anos 1950 (Barrow, 2008, p. 312).

Etimologicamente, *behavioralism* (traduzido para o português como behaviorismo, comportamentismo ou comportamentalismo) provém de *behavior* (comportamento). O termo foi adotado por cientistas políticos da Universidade de Chicago, os quais inicialmente designaram seus estudos interdisciplinares do comportamento humano como *behavioral sciences*. Além de ressaltar o objeto de estudo, a denominação atendia a uma preocupação latente nos Estados Unidos durante os anos de Guerra Fria: evitar que a expressão “ciências sociais” fosse eventualmente confundida com “socialismo” (Gunnell, 2013, p. 191).

A abordagem behaviorista surgiu em oposição à ciência política até então praticada, dita tradicional. Em termos de objeto, enquanto esta última preocupava-se com o poder e a autoridade das instituições formais, as normas jurídicas e a história do pensamento político, o behaviorismo funda-se na análise do processo decisório, do comportamento observável dos diversos atores políticos (eleitores, instituições informais – grupos de interesse e partidos políticos – e ocupantes de posições em instituições formais, como legisladores e juízes) e das relações informais entre eles. Metodologicamente, a ciência política tradicional sustentava-se nas matrizes filosófica, teórico-especulativa, legalista, historicista, ético-moralista e institucionalista, ao passo que os behavioristas adotaram a abordagem empírico-analítica típica das ciências sociais modernas, como a sociologia e a psicologia (Gibbons, 2011, p. 502; Vassilev, 2008, p. 315).

O behaviorismo adota a premissa de que o comportamento humano, como o de qualquer outro animal, “funciona segundo o chamado *S-R Scheme*, dado que um determinado estímulo (S) produz uma resposta (R)”. Assim, o comportamento humano é fruto dos vários estímulos advindos ora do estado de necessidade, ora do estado do ambiente. Ao se conhecer as respostas a estímulos idênticos, viabiliza-se a sistematização e quantificação das observações, o tratamento dos dados conforme métodos quantitativos e, finalmente, a elaboração de uma teoria que anteveja em termos precisos e científicos o comportamento humano. Evidencia-se aqui o caráter não teleológico da abordagem behaviorista, eis que não há preocupação com os fins ou a intenção de uma determinada conduta humana examinada (Maltez, 2018, p. 170).

Outra característica importante do behaviorismo é a busca por uma “*value-neutral science*”, numa clara ruptura com a teoria política de viés normativo e a ciência política de matriz filosófica, cujas preocupações ético-morais passaram a ser consideradas obsoletas devido à ausência de cientificidade (Barrow, 2008, pp. 312-313). A partir deste divórcio axiológico, os fenômenos políticos seriam analisados sem juízos de bondade ou moralidade (Vassilev, 2008, p. 315).

Uma síntese dos principais atributos desta corrente da ciência política foi formulada por Easton (1962), consubstanciando o chamado “credo behaviorista”:

1. Regularidades: Há uniformidades investigáveis no comportamento político [que]... podem ser expressadas em generalizações ou teorias com valor explicativo e preditivo.
2. Verificação: A validade dessas generalizações deve ser testável, em princípio, por referência ao comportamento relevante.
3. Técnicas: Meios para aquisição e interpretação de dados...precisam ser examinados com autoconsciência, refinados e validados.
4. Quantificação: Precisão no registro de dados e a declaração de descobertas requerem medição e quantificação.
5. Valores: A avaliação ética e a explicação empírica envolvem dois tipos diferentes de proposições que, em prol da clareza, devem ser mantidos analiticamente separados.
6. Sistematização: Teoria e pesquisa devem ser vistas como partes intimamente entrelaçadas de um corpo de conhecimento coerente e ordenado.
7. Ciência pura: A compreensão e explicação do comportamento político precedem logicamente e fornecem a base dos esforços de utilização do conhecimento político na solução de problemas práticos urgentes da sociedade.
8. Integração: Porque as ciências sociais lidam com toda a situação humana, a pesquisa política apenas pode ignorar as conclusões de outras disciplinas quando

houver perigo de enfraquecer a validade e prejudicar a generalidade de seus próprios resultados. (pp. 7-8)<sup>2</sup>

É neste quadro teórico-científico que se enquadram os estudos de David Easton (1917-2014), cujas trajetórias pessoal e acadêmica passam a ser analisadas.

## 2. Easton: vida dedicada ao desenvolvimento da ciência política

David Easton foi um dos mais influentes cientistas políticos da segunda metade do século XX e um dos expoentes do behaviorismo. Destacou-se pela elaboração da teoria do sistema político, uma adaptação à ciência política da teoria geral dos sistemas, cuja metodologia advém originalmente das ciências naturais (Gibbons, 2008, p. 476; Pehl, 2011, p. 1641).

Nascido em 1917 na cidade de Toronto (Ontário, Canadá), numa família com limitados recursos financeiros, Easton viveu parte de sua infância e adolescência na década de 1930, sob os efeitos da Grande Depressão. Sua origem humilde e seu contato, durante a juventude, com discussões em torno do marxismo foram elementos marcantes em sua formação, tendo ele se tornado (e permanecido ao longo da vida) um homem de esquerda e apoiado o então *Cooperative Commonwealth Federation Party*, atual *New Democratic Party* canadense. Cogita-se até mesmo que o jovem Easton tenha se interessado pelo estudo da política não com pretensões acadêmicas, mas para ser um ativista político (Kavanagh, 2014).

Em 1939, tornou-se bacharel pela Universidade de Toronto. À época, o caminho natural dos mais brilhantes estudantes canadenses, para fins de estudos pós-graduados, era o das universidades britânicas de Oxford e

---

<sup>2</sup> Tradução livre do autor. No original: “1. Regularities: There are discoverable uniformities in political behavior [that]...can be expressed in generalizations or theories with explanatory and predictive value. 2. Verification: The validity of such generalizations must be testable, in principle, by reference to relevant behavior. 3. Techniques: Means for acquiring and interpreting data...need to be examined self-consciously, refined, and validated. 4. Quantification: Precision in the recording of data and the statement of findings require measurement and quantification. 5. Values: Ethical evaluation and empirical explanation involve two different kinds of propositions that, for the sake of clarity, should be kept analytically distinct. 6. Systematization: [T]heory and research are to be seen as closely intertwined parts of a coherent and orderly body of knowledge. 7. Pure science: [T]he understanding and explanation of political behavior logically precede and provide the basis for efforts to utilize political knowledge in the solution of urgent practical problems of society. 8. Integration: Because the social sciences deal with the whole human situation, political research can ignore the findings of other disciplines only at the peril of weakening the validity and undermining the generality of its own results” (Easton, 1962, pp. 7-8).

Cambridge. Entretanto, na iminência de eclosão da Segunda Guerra Mundial na Europa, Easton decidiu manter-se em sua *alma mater*, onde viria a concluir o mestrado em 1943 (Kavanagh, 2014).

Foi durante o período na Universidade de Toronto que conheceu sua futura esposa, Sylvia Johnstone, com quem teve um único filho, Stephen. Ao longo dos anos, Sylvia tornar-se-ia militante dos direitos humanos, com relevante atuação na defesa dos sem-abrigo, das pessoas com deficiência intelectual, dos povos indígenas norte-americanos e das vítimas de abuso. Em reconhecimento ao seu trabalho, foi agraciada com o *Orange County Human Relations' Community Leader Award* em 1989, um ano antes do seu falecimento (Petracca, 2014).

De volta a 1943, terminado o mestrado em Toronto, Easton viu-se novamente obrigado a decidir seu rumo acadêmico, passando a vislumbrar as universidades norte-americanas de Harvard e Chicago, sendo a primeira mais renomada e a segunda mais intelectualmente instigante. Recém-casado e sem reservas financeiras, optou pela instituição que lhe ofereceu a melhor bolsa de estudos, mudando-se com a esposa para Cambridge (Massachusetts, Estados Unidos). Apesar da obtenção do título de doutor em 1947, Easton viria a se arrepender de sua escolha por Harvard. O estudo de uma ampla gama de instituições políticas, processos e teorias não lhe proporcionou a sensação de domínio da disciplina; ele ressentia-se de não compreender como todos aqueles elementos se inter-relacionavam (Kavanagh, 2014).

De 1944 a 1947, no âmbito do doutoramento, lecionou na condição de *teaching fellow* em Harvard (Petracca, 2014). Em seguida, viria finalmente a mudar-se para Chicago (Illinois, Estados Unidos) ao ser contratado pela universidade homônima, sua opção predileta para a carreira docente. De início, sua esposa Sylvia, assustada com o quadro de miséria em torno do *campus*, resistiu a permanecerem na cidade. Ele então propôs que ficassem inicialmente por cinco anos, os quais acabariam se tornando trinta e cinco (Kavanagh, 2014).

Foi na Universidade de Chicago que Easton desenvolveu os estudos pelos quais ficaria mundialmente conhecido. Em 1953, ainda como professor assistente, publicou sua primeira obra de relevo, *Political system: An inquiry into the state of political science*, na qual revisa a bibliografia da ciência política, argumentando que esta havia se tornado uma combinação teoricamente obsoleta de legalismo constitucional e história das ideias. Neste contexto, a

chave para o amadurecimento da ciência política estaria na incorporação dos princípios e métodos científicos e na análise crítica do comportamento empiricamente observável dos atores políticos (Gibbons, 2008, p. 477).

Como recompensa à excelência do seu trabalho, em 1955 Easton foi promovido a professor titular da Universidade de Chicago e em 1962 foi eleito para a *American Academy of Arts and Sciences*, da qual viria a ser Vice-Presidente no biênio 1985-1986 (Petracca, 2014).

Em 1965, publicou outros dois livros – *A framework for political analysis* e *A systems analysis of political life* – que tiveram grande influência no meio acadêmico ao apresentarem soluções teóricas para os problemas apontados em sua obra precedente. O estudo original foi apresentado em volume único aos editores, que o considerando longo e pesado demais, propuseram sua divisão em dois. Foi nestes livros que Easton propôs a teoria do sistema político como base para a abordagem behaviorista, que se tornaria o paradigma hegemônico na ciência política norte-americana no final dos anos 1960. Foi também neste período que desenvolveu outra faceta menos conhecida do seu trabalho: uma aprofundada pesquisa empírica sobre a socialização política das crianças (Gibbons, 2008, p. 477; Kavanagh, 2014).

Em 1968, foi eleito Presidente da *American Political Science Association* (APSA), a mais prestigiada associação de pensadores da ciência política norte-americana. O seu discurso presidencial de 1969 é tido como um dos mais impactantes da história da instituição. Na ocasião, marcada pela escalada de protestos e convulsão social e política vivida nos Estados Unidos – abrangendo pautas como pobreza, direitos civis da população negra, Guerra do Vietnã (1959-1975) e proliferação nuclear, entre outras –, Easton exortou seus colegas a um maior comprometimento com temas urgentes de políticas públicas, orientando suas investigações para a solução dos problemas sócio-políticos fruto da ação concreta dos decisores (Gibbons, 2011, p. 503; Kavanagh, 2014; Petracca, 2014).

Easton anunciava, assim, uma revolução pós-behaviorista,

...onde fosse possível conciliar os métodos quantitativos e o apelo aos factos da revolução comportamentalista, com os dados qualitativos da teoria política e os valores, uma revolução que não seria rejeição do contributo behaviorista para o alargamento da base cognoscitiva da ciência política, mas que teria de aliar, a tais métodos quantitativos, o *qualificativo* de uma teoria geral própria. (Maltez, 2012, par. 9)

Como forma de resgatar seu vínculo acadêmico com o Canadá, de 1971 a 1980, simultaneamente à docência em Chicago, Easton assumiu a cátedra *Sir Edward Peacock Professor* em ciência política na *Queen's University* (Kingston, Ontário, Canadá), bem como foi consultor da *Royal Commission on Bilingualism and Biculturalism* (Gibbons, 2008, p. 477; Kavanagh, 2014).

Em 1982, tendo obtido a aposentadoria tanto em Chicago quanto na *Queen's University*, mudou-se para a costa oeste norte-americana, assumindo o posto de *Distinguished Research Professor* da Universidade da Califórnia em Irvine (UCI). A decisão, além de razões acadêmicas, foi motivada pelo desejo de sua esposa, Sylvia, de viver numa região com clima mais agradável (Kavanagh, 2014).

Na UCI, Easton continuou dando aulas sobre teoria política empírica, análise de sistemas políticos, fundamentos da moderna ciência política e análise estrutural da política. Por aproximadamente vinte e cinco anos, ministrou um dos seminários obrigatórios aos estudantes de graduação em ciência política. Ademais, exerceu importante papel no desenvolvimento da ciência política na China, por meio de intercâmbio entre a UCI e a Universidade de Pequim, bem como a Academia Chinesa de Ciências Sociais (Petracca, 2014).

Segundo seus contemporâneos, Easton conciliava veemência intelectual com calma e gentileza no convívio acadêmico. Demonstrava sincero interesse no trabalho dos colegas e possuía a capacidade de, por meio de questionamentos sérios, forçá-los a refletir mais claramente sobre o objeto das respectivas investigações. Fazia isto, contudo, sem sugerir um direcionamento específico à pesquisa dos demais, com modéstia incomum em estudiosos de tamanho relevo (Kavanagh, 2014; Petracca, 2014).

David Easton faleceu em 2014, após mais de sessenta anos de significativa contribuição ao desenvolvimento da ciência política. Seu filho, Stephen T. Easton, é professor de economia da *Simon Fraser University* em Burnaby (Colúmbia Britânica, Canadá). Um dos seus netos, Malcolm R. Easton, é Ph.D. em ciência política pela Universidade da Califórnia em Davis (Petracca, 2014).

Desde 1997, a *American Political Science Association's Organized Section on The Foundation of Political Thought* oferece o *David Easton Award* ao autor de “um livro que amplie os horizontes da ciência política contemporânea, envolvendo questões de significado filosófico na vida política através de uma



variedade de abordagens nas ciências sociais e em humanidades” (Petracca, 2014, par. 10)<sup>3</sup>.

### 3. Matizes do contributo *eastoniano*

A obra de David Easton, desenvolvida ao longo de mais de seis décadas de profícua atividade acadêmica, abrange um volume de conhecimentos teóricos, conceituais e metodológicos cuja análise em profundidade extrapola em larga medida as pretensões deste ensaio. Por tal razão, são eleitas três facetas do seu trabalho para um exame mais atento: o conceito de política; a teoria do sistema político; e, as dimensões do apoio político (difuso e específico).

#### 3.1. O conceito de política

Easton (1953) define a política como a distribuição imperativa de valores para uma sociedade (*the authoritative allocation of values for the society*) (p. 129). O foco do conceito reside na “distribuição de recompensas em riqueza, poder e *status* que o sistema pode fornecer” (Roskin, 1999, p. 22)<sup>4</sup>, ou seja, nas políticas públicas (leis, incentivos, sanções, etc.) que o funcionamento do sistema político imperativamente proporciona à sociedade.

Neste conceito de política, o poder revela-se como “a capacidade de levar a que as unidades pertencentes a um dado sistema de organização cumpram as respetivas obrigações” (Maltez, 2018, p. 185). Contudo, esta definição de poder é secundária e constitui apenas um dos elementos da vida política, ainda que relativamente importante. Em Easton, a vida política não se traduz na luta pelo poder, tampouco este é um fenômeno essencial da política (Maltez, 2012).

A expressão *authoritative allocation of values*, conforme reconhece o próprio Easton (1953, p. 41), já havia sido anteriormente utilizada por V. O. Key Jr. como forma de identificar o núcleo duro do poder político na sociedade. Todavia, segundo Gunnell (2013), o conceito adotado por Easton levou em

---

<sup>3</sup> Tradução livre do autor. No original: “a book that broadens the horizons of contemporary political science by engaging issues of philosophical significance in political life through any of a variety of approaches in the social sciences and humanities” (Petracca, 2014, par. 10).

<sup>4</sup> Tradução livre do autor. No original: “the distribution of rewards in wealth, power, and status that the system may provide” (Roskin, 1999, p. 22).

conta não só a formulação de V. O. Key Jr., mas sobretudo a discussão proposta por Lasswell acerca da distribuição e composição de padrões de valor na sociedade (*distribution and composition of value patterns in society*). O único erro de Lasswell, na visão de Easton, “era olhar para a sociedade como um todo, em vez de distinguir a dimensão política como um requisito funcional dentro do sistema social” (p. 202)<sup>5</sup>. Em outras palavras, o conceito de política de Easton atenta-se aos valores produzidos pelo sistema político propriamente dito, o qual se insere num sistema social mais amplo.

Eulau (1954), em recensão crítica à obra de 1953, confessou ter dificuldade em reconhecer distinções entre os conceitos de política de Easton e Lasswell, afirmando que aquele “soa mais sério e menos vulgar que o original de Lasswell ‘quem ganha o quê, quando e como’; mas eles possuem os mesmos referentes empíricos” (p. 1052)<sup>6</sup>.

### 3.2. A teoria do sistema político

A ideia central contida nas abordagens sistêmicas das ciências sociais funda-se numa analogia entre os fenômenos próprios deste domínio e os organismos biológicos: os componentes dos sistemas sociais e políticos são como o coração, os pulmões e o sangue de um ser vivo; se um deles sofrer alguma alteração ou estresse, os demais componentes se ajustarão para compensar tal anomalia (Roskin, 1999, p. 22).

De fato, as concepções sistêmicas radicam na teoria geral dos sistemas proposta pelo biólogo austríaco Karl Ludwig von Bertalanffy (1901-1972), que nos anos 1920 vislumbrou o sistema como um conjunto de elementos que interagem e são interdependentes, formando um único corpo harmônico; para ele, tal ideia permitiria a cada uma das diversas ciências formular sua própria teoria geral e abstrata. Já no âmbito das ciências sociais, Talcott Parsons (1902-1979), sociólogo norte-americano e principal nome ligado à teoria sistêmica funcionalista, propôs uma teoria geral para a análise dos vários sistemas sociais, gênero do qual o sistema político seria uma das espécies. Além destas duas influências diretas, a abordagem do sistema político de

---

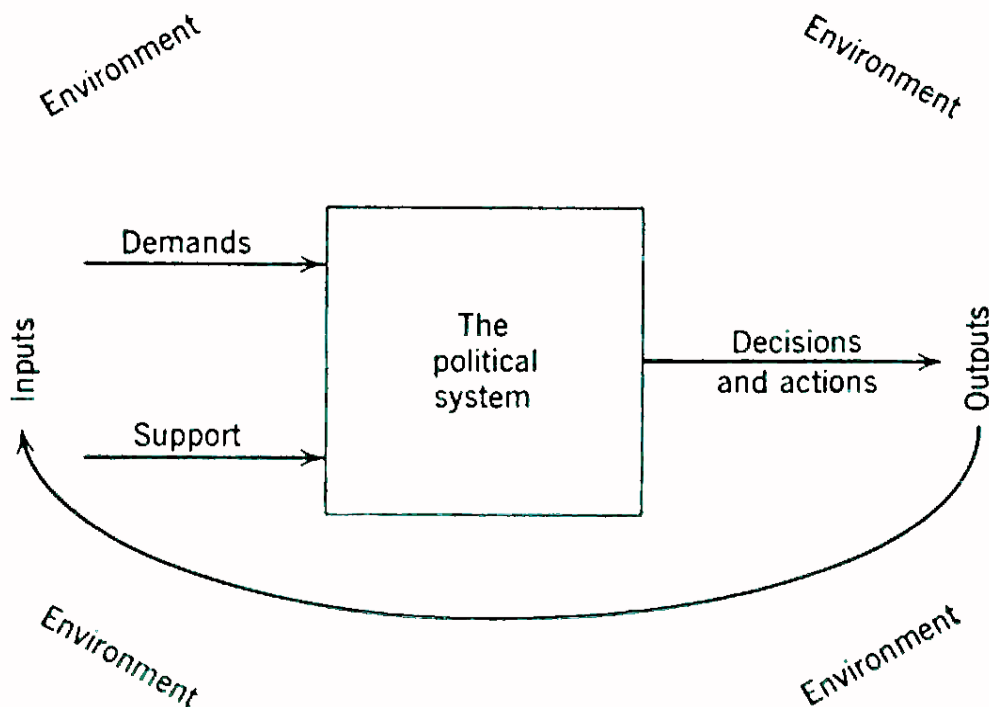
<sup>5</sup> Tradução livre do autor. No original: “was to look at the whole society rather than at what distinguished the political dimension as a functional requisite within the whole social system” (Gunnell, 2013, p. 202).

<sup>6</sup> Tradução livre do autor. No original: “sounds more earnest and less vulgar than Lasswell’s original ‘who gets what, when, how’; but they have the same empirical referents” (Eulau, 1954, p. 1052).

Easton possui pontos de contato com as formulações de Norbert Wiener (1864-1964), matemático norte-americano fundador da cibernética – de cuja teorização se extrai a ideia de conversão da comunicação em poder –, e de Wassily Leontief (1906-1999), economista russo naturalizado estadunidense, vencedor do Prêmio Nobel de Economia em 1973, que desenvolveu a ideia de um sistema com *inputs* e *outputs* (Maltez, 2018, pp. 180-186).

Aplicada à realidade política, a abordagem sistêmica representa a forma pela qual os anseios da sociedade são comunicados, interpretados e convertidos em produtos políticos. Sinteticamente, a teoria do sistema político de Easton tem como peça central uma *black box* (a representação figurativa do sistema político), que é alimentada por reivindicações e apoios (*inputs*) e os converte em decisões e ações (*outputs*), concretizando a distribuição imperativa de valores para a sociedade. Os referidos *outputs*, ao deixarem a caixa negra e sofrerem a influência do ambiente que a cerca, geram um processo de *feedback* (retroação) e convertem-se em novos *inputs*. A Figura 1 ilustra tal dinâmica.

Figura 1. O modelo de sistema político de Easton



Fonte: Easton (1965, p. 32).

Assim, é por meio dos “processos de organização, diferenciação, comunicação e regulação” que o sistema político converte os *inputs* (reivindicações e apoios da sociedade) em *outputs* que gerarão novos apoios, os quais asseguram a sobrevivência do próprio sistema (Pehl, 2011, p. 1641)<sup>7</sup>. Eis um aspecto importante da função dos *outputs* e respectivo *feedback*, pois é através deles que “um sistema político diminui o peso das exigências que lhe são dirigidas ou maximiza os apoios de que dispõe” (Maltez, 2018, p. 187).

Nas décadas de 1960 e 1970, a teoria do sistema político tornou-se dominante na ciência política norte-americana, orientando pesquisas em torno de temas como “tomada de decisão, grupos de interesse, comunicação política, partidos políticos, eleições e comportamento eleitoral, comportamento legislativo, socialização política, crenças políticas e processo de políticas públicas”, por meio da utilização de sofisticadas ferramentas metodológicas estatísticas e quantitativas. Contudo, críticas à abordagem passaram a ser recorrentes, sobretudo em razão de sua aplicabilidade somente a sistemas estáveis – com foco na regularidade de padrões, sem adequação a quadros de mudança ou crise política – e por privilegiar estruturas típicas das democracias ocidentais (Barrow, 2008, p. 313)<sup>8</sup>.

Apontam-se também problemas na aplicação prática de teoria, tais como “identificação das fronteiras do sistema, teste das funções de instituições individuais e interação entre si como hipóteses, e mensuração de conceitos como *feedback loops* com os métodos de análise linear normalmente empregados, que se evidenciaram de difícil manejo” (Holyoke, 2008, p. 317)<sup>9</sup>.

Apesar de ter perdido espaço para outras abordagens – a exemplo da teoria da escolha racional – nas décadas que se seguiram ao apogeu behaviorista, a concepção do sistema político deixou marcas tanto na teoria quanto na prática da ciência política e permanece influenciando politólogos nos Estados Unidos, na Europa e em outras partes do mundo (Gunnell, 2013, pp. 190, 209).

---

<sup>7</sup> Tradução livre do autor. No original: “*processes of organization, differentiation, communication, and regulation*” (Pehl, 2011, p. 1641).

<sup>8</sup> Tradução livre do autor. No original: “*decision making, interest groups, political communications, political parties, elections and voting behavior, legislative behavior, political socialization, political beliefs, and the policy process*” (Barrow, 2008, p. 313).

<sup>9</sup> Tradução livre do autor. No original: “*identifying the system’s boundaries, testing the functions of individual institutions and their interaction with each other as hypotheses, and measuring concepts such as feedback loops with the linear analysis methods commonly employed proved too intractable*” (Holyoke, 2008, p. 317).

### 3.3. O apoio político e suas dimensões

O conceito de apoio dos cidadãos ao sistema político e suas dimensões, que continuam a gerar estudos e novas abordagens sobre temas como qualidade da democracia e confiança institucional, são uma prova da perenidade do contributo de Easton, podendo-se afirmar que esta é uma das facetas de sua obra que conserva maior relevância e atualidade.

Ao analisar a natureza do apoio público aos sistemas políticos, Easton (1965) vislumbrou a existência de duas dimensões – o *apoio específico* e o *apoio difuso* –, cuja distinção ele esclareceu ao revisitar o tema uma década após sua formulação original:

Alguns tipos de avaliações estão intimamente relacionados com o que as autoridades políticas fazem e como o fazem. Outros possuem um caráter mais fundamental, porque são direcionados aos aspectos básicos do sistema. Eles representam vínculos mais duradouros e, portanto, possibilitam que os membros [do sistema político] se oponham aos titulares de cargos públicos e, ainda assim, mantenham o respeito pelos cargos em si, pelo modo como são ordenados, e pela comunidade [política]<sup>10</sup> de que fazem parte. Eis a distinção aproximada entre o que chamei de apoio “específico” e apoio “difuso”. (Easton, 1975, p. 437)<sup>11</sup>

Easton (1975, pp. 448-449) ressalta que a satisfação ou insatisfação – que são medidas de apoio específico – dos cidadãos em relação ao desempenho das autoridades em exercício, ao se manifestarem de modo suficientemente duradouro e intenso, têm repercussão sobre a confiança – um dos aspectos do apoio difuso, a par da legitimidade – nas próprias instituições às quais tais autoridades pertencem. Assim, a avaliação popular do efetivo desempenho das autoridades, a depender de sua duração e intensidade, tem potencial impacto sobre o nível de confiança dos cidadãos em relação às classes de autoridades – independentemente do titular do cargo na ocasião – e respectivas instituições políticas.

---

<sup>10</sup> O conceito de comunidade política expressa “os sentimentos mais genéricos e fundamentais dos cidadãos quanto ao sentido de pertença à comunidade nacional, exemplificado por sentimentos de orgulho e identidade nacional” (Teixeira, 2018, p. 55).

<sup>11</sup> Tradução livre do autor. No original: “Some types of evaluations are closely related to what the political authorities do and how they do it. Others are more fundamental in character because they are directed to basic aspects of the system. They represent more enduring bonds and thereby make it possible for members to oppose the incumbents of offices and yet retain respect for the offices themselves, for the way in which they are ordered, and for the community of which they are a part. The distinction of roughly this sort I have called ‘specific’ as against ‘diffuse’ support” (Easton, 1975, p. 437).

Em outras palavras, enquanto o apoio específico “diz respeito à aprovação das instituições e dos atores políticos, e é condicional ao modo como aquelas funcionam e estes atuam”, o apoio difuso “refere-se ao apreço e adesão, de forma mais latente e incondicional, às instituições básicas do regime”. Outrossim, o apoio específico é mais volátil e influenciado por fatores imediatos, ao passo que o apoio difuso é resultado de aspectos de longo prazo (Teixeira, 2018, pp. 52-53, 65).

Aplicando-se o conceito de apoio difuso precisamente ao domínio das democracias, ele consubstancia a própria ideia de legitimidade democrática, ou seja, “diz respeito às crenças dos cidadãos de que a democracia e os seus procedimentos constituem a forma mais apropriada de governo e, cabe acrescentar, a única aceitável para assegurar a sua liberdade, igualdade e autonomia” (Moisés & Carneiro, 2008, p. 11).

Esta característica fundamental do apoio político e sua operacionalização têm sido exploradas de diferentes formas, desde a concepção de novas dimensões até o questionamento de sua validade empírica. Tais desenvolvimentos teóricos e empíricos têm surgido tanto na ciência política de língua inglesa, a exemplo de Norris (1999, 2011), Dalton (1999, 2004), Wilkes e Wu (2018) e Mattes e Moreno (2018), quanto nos contributos lusófonos, a exemplo de Belchior (2015), Teixeira (2018) e Fernandes, Santana-Pereira, Cancela e Sanches (2019), em Portugal, e Moisés (2008, 2010) e Moisés e Carneiro (2008), no Brasil.

## **Conclusão**

O ensaio consistiu num esforço para exposição e compreensão da obra de David Easton de modo contextualizado, seja em termos histórico-biográficos, seja no âmbito teórico-científico. A partir desta proposta, foi possível absorver os principais aspectos do contributo de um autor que marcou a ciência política da segunda metade do século XX e permanece, mesmo após sua morte, influenciando estudiosos de várias nacionalidades.

Os preceitos da revolução behaviorista, como a busca por uma abordagem empírico-analítica coerente, o rigor científico e os métodos quantitativos adequados aos objetos da ciência política, tiveram no trabalho de Easton uma aplicação paradigmática. Não à toa, Heinz Eulau chegou a afirmar que o livro

inaugural de Easton, *The political system: An inquiry into the state of political science*, de 1953, é “a autobiografia de sua geração de cientistas políticos, e o encontro com seu trabalho tornou-se parte da autobiografia da próxima geração” (Gunnell, 2013, p. 190)<sup>12</sup>.

Em investigações futuras, pretende-se aprofundar o estudo das atuais teorias e metodologias que derivam do conceito de apoio político, uma das facetas da obra de Easton que conserva maior relevância, sobretudo diante da crise de confiança institucional percebida em diversas democracias ocidentais.

## Referências

Barrow, C. (2008). Political science. In W. A. Darity Jr. (Ed.), *International encyclopedia of the social sciences* (2nd ed., Vol. 6, pp. 310-315). Farmington Hills, MI: Macmillan Reference USA.

Belchior, A. M. (2015). *Confiança nas instituições políticas*. Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Dalton, R. J. (1999). Political support in advanced industrial democracies. In P. Norris (Ed.), *Critical citizens: Global support for democratic government* (pp. 57-77). <http://doi.org/10.1093/0198295685.003.0003>

Dalton, R. J. (2004). *Democratic challenges, democratic choices: The erosion of political support in advanced industrial democracies*. <http://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199268436.001.0001>

Easton, D. (1953). *The political system: An inquiry into the state of political science*. New York, NY: Alfred A. Knopf.

Easton, D. (1962). Introduction: The current meaning of “behavioralism” in political science. In J. S. Charlesworth (Ed.), *The limits of behaviouralism in political science* (pp. 1-25). Philadelphia, PA: American Academy of Political and Social Science.

Easton, D. (1965). *A systems analysis of political life*. New York, NY: John Wiley & Sons.

Easton, D. (1975). A re-assessment of the concept of political support. *British Journal of Political Science*, 5(4), 435-457. <http://doi.org/10.1017/S0007123400008309>

Eulau, H. (1954). Review: The political system: An inquiry into the state of political science by David Easton. *The Yale Law Journal*, 63(7), 1050-1052. <http://doi.org/10.2307/793409>

---

<sup>12</sup> Tradução livre do autor. No original: “the autobiography of his generation of political scientists, and the encounter with his work became part of the autobiography of the next generation” (Gunnell, 2013, p. 190).

Fernandes, T., Santana-Pereira, J., Cancela, J., & Sanches, E. R. (2019). *Instituições e qualidade da democracia: Cultura política na Europa do Sul*. Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Gibbons, M. T. (2008). Easton, David. In W. A. Darity Jr. (Ed.), *International encyclopedia of the social sciences* (2nd ed., Vol. 2, pp. 476-477). Farmington Hills, MI: Macmillan Reference USA.

Gibbons, M. T. (2011). Empiricism. In G. T. Kurian (Ed.), *The encyclopedia of political science* (pp. 502-504). Washington, DC: CQ Press.

Gunnell, J. G. (2013). The reconstitution of political theory: David Easton, behavioralism, and the long road to system. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 49(2), 190-210. <http://doi.org/10.1002/jhbs.21593>

Hamati-Ataya, I. (2019). Behavioralism. *Oxford research encyclopedia of international studies*. <http://doi.org/10.1093/acrefore/9780190846626.013.376>

Holyoke, T. T. (2008). Political system. In W. A. Darity Jr. (Ed.), *International encyclopedia of the social sciences* (2nd ed., Vol. 6, pp. 316-317). Farmington Hills, MI: Macmillan Reference USA.

Kavanagh, D. (2014). *Professor David Easton: Influential political scientist*. Disponível em <http://www.independent.co.uk/news/obituaries/professor-david-easton-influential-political-scientist-9770166.html>

Maltez, J. A. (2012). *Easton, David (n. 1917)*. Disponível em <http://www.politipedia.pt/easton-david-n-1917/>

Maltez, J. A. (2018). *Manual de ciência política: Teoria geral da República*. Lisboa, Portugal: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Mattes, R., & Moreno, A. (2018). Social and political trust in developing countries. In E. M. Uslaner (Ed.), *The Oxford handbook of social and political trust* (pp. 357-381). New York, NY: Oxford University Press.

Moisés, J. Á. (2008). Cultura política, instituições e democracia: Lições da experiência brasileira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23(66), 11-43. <http://doi.org/10.1590/S0102-69092008000100002>

Moisés, J. Á. (2010). Democracia e desconfiança das instituições democráticas. In J. Á. Moisés (Org.), *Democracia e confiança: Por que os cidadãos desconfiam das instituições públicas?* (pp. 45-73). São Paulo, Brasil: Editora da Universidade de São Paulo.

Moisés, J. Á., & Carneiro, G. P. (2008). Democracia, desconfiança política e insatisfação com o regime - o caso do Brasil. *Opinião Pública*, 14(1), 1-42. <http://doi.org/10.1590/S0104-62762008000100001>

Norris, P. (1999). Introduction: The growth of critical citizens? In P. Norris (Ed.), *Critical citizens: Global support for democratic government* (pp. 1-27). <http://doi.org/10.1093/0198295685.003.0001>



Norris, P. (2011). *Democratic deficit: Critical citizens revisited*.  
<http://doi.org/10.1017/CBO9780511973383>

Pehl, M. (2011). Systems analysis. In G. T. Kurian (Ed.), *The encyclopedia of political science* (p. 1641). Washington, DC: CQ Press.

Petracca, M. (2014). *In Memoriam: David Easton, Professor of political science, UC Irvine, 1917-2014*. Disponível em <http://senate.universityofcalifornia.edu/in-memoriam/files/david-easton.html>

Roskin, M. G. (1999). Political science. *Encyclopedia Britannica*. Disponível em <http://www.britannica.com/topic/political-science>

Teixeira, C. P. (2018). *Qualidade da democracia em Portugal*. Lisboa, Portugal: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Vassilev, R. (2008). Political science, behavioral. In W. A. Darity Jr. (Ed.), *International encyclopedia of the social sciences* (2nd ed., Vol. 6, pp. 315-316). Farmington Hills, MI: Macmillan Reference USA.

Wilkes, R., & Wu, C. (2018). Trust and minority groups. In E. M. Uslaner (Ed.), *The Oxford handbook of social and political trust* (pp. 231-250). New York, NY: Oxford University Press.

## **OBSERVATÓRIO POLÍTICO**

Rua Almerindo Lessa  
Pólo Universitário do Alto da Ajuda,  
1349-055 Lisboa  
Tel. (00351) 21 361 94 30  
[geral@observatoriopolitico.pt](mailto:geral@observatoriopolitico.pt)

Para citar este trabalho/To quote this paper:

OTHON, Adriano «Da revolução behaviorista ao contributo de David Easton: Breve ensaio epistêmico-biográfico», *Working Paper #103*, Observatório Político, publicado em 27/05/2021, URL: [www.observatoriopolitico.pt](http://www.observatoriopolitico.pt)

### **Aviso:**

Os *working papers* publicados no sítio do Observatório Político podem ser consultados e reproduzidos em formato de papel ou digital, desde que sejam estritamente para uso pessoal, científico ou académico, excluindo qualquer exploração comercial, publicação ou alteração sem a autorização por escrito do respetivo autor. A reprodução deve incluir necessariamente o editor, o nome do autor e a referência do documento. Qualquer outra reprodução é estritamente proibida sem a permissão do autor e editor, salvo o disposto em lei em vigor em Portugal.